

Os retornados d'*as Naus* antunianas: espaço e (des)pertencimento na narrativa contemporânea portuguesa

Diana Navas *

RESUMO

O presente estudo tem como proposta apresentar algumas considerações acerca da relação entre espaço e pertencimento presente no romance *As Naus*, de António Lobo Antunes. Almeja-se demonstrar como a degeneração, fragmentação e desidentificação notáveis na descrição do espaço do romance, elementos esses evidenciáveis na literatura portuguesa contemporânea pós-ditatorial, refletem um retrato da condição do homem e do mundo contemporâneos: retrato múltiplo, fragmentado, em estilhaços, cujos pedaços fazem parte de um persistente esforço de desconstrução/reconstrução na busca constante de um possível resgate de uma hipotética totalidade perdida.

PALAVRAS-CHAVE: Lobo Antunes; *As Naus*; Espaço; Fragmentação; Pertencimento

ABSTRACT

The present study aims to present some considerations about the relation between space and belonging in the novel *As Naus*, of António Lobo Antunes. It desires to demonstrate how the degeneration, the fragmentation and the desidentification notable in the description of the space of the novel, elements visible in the contemporary portuguese literature post-dictatorial, reflect the portrait of the condition of the contemporary man and world: portrait multiple, fragmented, in splinters, whose pieces make part of a persistent effort of deconstruction/reconstruction in the endless search of a hypothetical lost totality.

KEY-WORDS: Lobo Antunes; *As Naus*; Space; Fragmentation; Belonging

* Profa. Dra. Diana Navas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. diana.navas@hotmail.com

Introdução

A literatura contemporânea portuguesa, renovada depois da redemocratização do país e da entrada de Portugal na União Europeia, revela-nos um quadro distinto do até então conhecido: após anos de preferência pela poesia constata-se na atualidade portuguesa, por razões ainda não suficientemente claras, uma preferência pelo gênero romanesco. A valorização de um romance cuja marca parece ser a combatividade, seja ela em termos macro ou microestruturais, e que tem como base uma linguagem distinta, uma linguagem que, após ter sido o produto social mais comprometido com a ditadura salazarista, surge agora para romper sua dependência em relação ao discurso oficial e instaurar o discurso da procura, da busca por um novo Portugal e por um homem novo.

António Lobo Antunes, um dos grandes expoentes deste panorama contemporâneo português, por meio de um incansável e primoroso trabalho com a linguagem, oferece-nos obras que nos levam a repensar a história portuguesa – em especial o período ditatorial e pós-ditatorial – e que revelam uma forma de narrar com a qual não estamos habituados, uma escrita que temático e estruturalmente aponta para o desejo de liberdade. Dentre estas obras encontra-se *As Naus*, corpus deste estudo, que almeja demonstrar como o texto antuniano, por meio do trabalho *com* e *na* linguagem, revela-nos um espaço que é reflexo do homem contemporâneo: um ser fragmentado, em estilhaços que incessantemente busca (re)construir uma almejada e hipotética totalidade/identidade perdida.

1 *As Naus*: espaços e (des)pertencimentos

As Naus é uma das vinte e sete obras já escritas por Lobo Antunes. Publicado em 1988, ano de fortes comemorações oficiais dos descobrimentos portugueses, é um dos romances do autor que retoma a história de Portugal de forma paródica e irreverente.

Nele, destacados autores portugueses (Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Vasco da Gama e Manuel de Sousa Sepúlveda), reis contemporâneos (D. Manuel e D. Sebastião), escritores (Camões e Fernão Mendes Pinto) e outras personalidades (S. Francisco Xavier e Garcia da Orta), assim como um casal de anônimos fixados na Guiné, agem como personagens de uma intriga que se centra no regresso de todos à pátria por ocasião da revolução de Abril, fazendo coincidir circunstâncias imaginárias

do período colonial com o Portugal contemporâneo, em aliança constante, quer no plano da ficção, quer no plano do discurso, e construindo uma divertida paródia dos descobrimentos que faz avultar a sátira contundente dos dias de hoje e a consideração demorada e atenta dos dramas, oportunismos e vicissitudes dos retornados.

Trata-se de um romance complexo que, dentre outras possíveis leituras, permite-nos investigar a problemática do espaço, ou mais especificamente, como a construção do espaço está atrelada a uma tentativa de (re)construção de uma identidade perdida. Um espaço que se revela como extensão de seres fragmentados, em estilhaços, que ao tomarem ciência da falácia daquilo que denominam identidade, buscam, no espaço exterior, o resgate daquilo que foram, de uma possível unidade que supõem perdida.

No romance *As Naus*, Lobo Antunes coloca em cena o regresso dos colonizadores portugueses às terras lusitanas. Personagens imortalizados da história da expansão marítima regressam dos países africanos recém-independentes à casa, ou melhor, à pátria. Este espaço nos é permitido conhecer logo no primeiro parágrafo do romance, parágrafo este que, em contraposição ao restante do romance – que narra o regresso das personagens –, conta-nos a partida para as terras africanas:

Passara por Lixboa há dezoito ou vinte anos a caminho de Angola e o que recordava melhor eram as discussões dos pais na pensão do Conde Redondo onde ficaram entre tinir de baldes e remungos exasperados de mulher. Lembra-se da casa de banho colectiva, com um lavatório de torneiras barrocas imitando peixes que vomitavam soluços de água parda pelas goelas abertas e da altura em que topou com um senhor de idade, a sorrir na retrete de calças pelos joelhos (ANTUNES, 2011, p. 07).

A presença dos verbos *passara*, *recordara*, *lembrava-se* permite-nos constatar que o espaço será revelado a partir das lembranças, da memória de cada uma das personagens. Ainda na mesma citação, outro aspecto importante evidencia-se: dois espaços estão presentes logo no início do romance – Lixboa e Angola – os quais serão contrapostos no desenrolar da obra, chegando, em alguns momentos, entretanto, a fundirem-se.

Aliás, não só dois espaços serão contrapostos neste romance. Tendo como ponto de partida duas histórias diferentes de um mesmo país – a contemporânea e a de há cinco séculos, que são entrecruzadas e metaforizadas, de tal modo que tudo se torna possível – constata-se que, nas *Naus* antunianas, ao invés de especiarias, regressa toda uma amálgama histórica, haja vista que nelas se misturam os objetos, as personagens de diferentes séculos, os meios de transporte, os edifícios, as guerras, ou seja, os

"diferentes tempos", o que, por sua vez, como podemos observar, implica a confluência de diferentes vozes narrativas.

Então poisámos a bagagem no terreiro, por cima dos agapantos que as mangueiras mecânicas aspergiam em impulsos circulares, perto dos operários que trabalhavam nos esgotos da alameda que conduziam ao estádio de futebol e aos prédios altos do Restelo, de tal modo que os tractores dos cabo-verdianos se cruzavam com carroças de túmulos de infanta e de pilhas de arabescos de altares. Passando por uma placa que designava o edifício incompleto e que dizia Jerónimos esbarramos com a Torre ao fundo, a meio do rio, cercada de petroleiros iraquianos defendendo a pátria das invasões castelhanas, e mais próximo, nas ondas frisadas da margem, a aguardar os colonos, presa aos limos da água por raízes de ferro, com almirantes de punhos de renda apoiados na amurada do convés e grumetes encarrapitados nos mastros aparelhando as velas para o desamparo do mar que cheirava a pesadelo e a gardênia, achamos à espera, entre barcos a remos e uma agitação de canoas, a nau das descobertas (ANTUNES, 2011, p. 08).

Considerando o final do excerto mencionado, constatamos que, após deparar-se com diferentes elementos espaciais, pertencentes a épocas completamente distintas, a personagem encontra "a nau das descobertas". A leitura integral e atenta do romance nos permitirá desvendar que os conquistadores que estão nesta nau, diferente das naus históricas conhecidas, partirão em busca não só de espaços exteriores, mas da conquista de um espaço ainda mais desconhecido e sombrio: o espaço interior. Mais do que ampliar fronteiras geográficas, os indivíduos presentes nestas naus precisarão mergulhar nas profundezas de si, em busca de uma (re)conquista daquilo que, de fato, são.

Diferente também das naus que sempre estiveram partindo, As Naus antunianas regressam. Regressam à metrópole, no entanto, numa "serpente de lamentos e miséria" (p.10), fazendo lembrar a "lentidão processional dos enterros" (p.50). A viagem de regresso, situada no tempo da descolonização, que deveria ser positiva – afinal eles estão retornando à pátria –, é marcada negativamente. Abandonando as antigas cidades coloniais, vai aportando em Lixboa todo tipo de tristezas e lamúrias, resultantes de um regresso forçado que implica uma (re)habituação a um espaço que não é já o seu e que será sempre comparado ao de África.

Para que possamos compreender melhor a relação existente entre espaço e identidade nesta obra, torna-se necessário verificar a questão da identidade nacional portuguesa. Segundo Eduardo Lourenço (2000), há para a identidade nacional portuguesa um problema de imagem, que o sociólogo denomina de *hiperidentidade portuguesa*. Lourenço constata que a partir do tratamento dado a real aventura marítima e colonial lusitana nasceu, em Portugal, sua grande imagem, o carácter hegemónico e

absoluto de formação nacional. Esta situação, no entanto, sofreu mudanças após as guerras coloniais. Isso porque, o país, que segundo Eduardo Lourenço sempre sofreu de hiperidentidade, pois tinha para si um rosto marinho e nesse retrato se reconheceu, descobriu que o retrato, em tempos pós-coloniais, desfigurara-se, tornara-se moldura vazia e sem identidade que era. Urgia recuperar o espaço vazio, recuperar a identidade, porém, que identidade?

[...] os portugueses nunca puderam instalar-se comodamente no espaço-tempo originário do Próspero europeu. Viveram nesse espaço-tempo como que inteiramente deslocados em regiões simbólicas que não lhes pertenciam e onde não se sentiam à vontade. Foram objetos de humilhação e de celebração, de estigmatização e de complacência, mas sempre com a distância de quem não é plenamente contemporâneo do espaço-tempo que ocupa. Forçados a jogar o jogo dos binarismos modernos, tiveram dificuldades em saber de que lado estavam. Nem Próspero nem Caliban, restou-lhes a liminaridade e a fronteira, a inter-identidade como identidade originária (SANTOS, 2001, p.53-54).

Constatamos que a identidade portuguesa, em sua origem, é uma identidade dupla. Parece ser preciso olhar os portugueses como um povo não hegemônico, que foi, no decorrer da história ocidental, império e colônia, pois olhava para suas colônias como primitivas ou selvagens e, ao mesmo tempo, era olhado como tal pelo resto da Europa. Boaventura Sousa Santos (2001) relaciona essa duplicidade identitária à posição de semiperifricidade que o país ocupa dentro do eixo eurocêntrico: o povo português estaria deslocado no espaço cultural do Velho Mundo e precisaria sempre estabelecer um procedimento de atualização em relação à Europa.

Observa-se, no entanto, que o problema da imagem portuguesa deixa de ser um problema da pátria para localizar-se em um novo elemento de unidade, os territórios. Todos aqueles portugueses espalhados pelo mundo e mesmo os que permaneceram em Portugal encontram-se desterritorializados. O império imaginado torna-se real e tem de reassumir como seu território apenas as fronteiras geográficas europeias e, ao mesmo tempo, permitir para dentro dessas fronteiras a convergência de influências externas. É o próprio Lobo Antunes, em entrevista a revista *Bravo!*, quem afirma ser esta uma das questões abordadas no romance:

Com a independência, de repente um milhão de pessoas vieram para Portugal, um país que elas não conheciam, porque muitas tinham já nascido em África, Angola, Moçambique, Cabo Verde. De repente elas estavam em um país que não sabiam o que era, que era um país mítico para elas. Uma situação esquizofrênica. Me pareceu que colocar essas pessoas nessas

situações extremas seria um bom material para trabalhar (ANTUNES apud BRAVO, 2000, p.86).

As Naus apresenta-nos, desta forma, a história desse povo em busca de uma nova identidade após ter sido obrigado a desistir da antiga. Os retornados chegam a Lisboa praticamente sem nada, decepcionados, amargurados e sem futuro, em uma existência na qual o presente, tanto individual como coletivo, parece já não estar em sintonia com o passado. Já não pertencem, tanto do ponto de vista geográfico, físico e cultural, como do ponto de vista mental, à sua cidade natal.

E agora que o avião se fazia à pista em Lisboa espantou-se com o edifício da Encarnação, os vadios que ossificavam pianos despedaçados e calçadas rupestres de automóvel, e os cemitérios e quartéis cujo nome ignorava como se arribasse a uma cidade estrangeira a que faltavam reconhecer como sua, os notários e as ambulâncias de dezoito anos antes (ANTUNES, 2011, p. 08-09).

De acordo com Maria Alzira Seixo (2002), o melhor exemplo dessa desidentificação espacial é revelado pela anáfora, repetição, por cinco vezes, da expressão “Em vez de“, expressão que, repetida, implica uma ausência (o mundo africano) na presença de uma outra realidade (a cidade pós-colonial):

Em vez do labiríntico mercado da manhã da partida, a seguir aos palácios das condessas maníacas e aos bares de sombras lúgubres dos estrangeiros anêmicos, em vez da praia do Tejo onde erguiam o mosteiro e dos pedreiros talhando o calcário a grandes golpes de maço, em vez dos bois e das mulas das carroças de carga e dos arquitectos a gritarem para os ajudantes endechas parecidas com a fala dos criados dos restaurantes galegos, em vez das vendedeiras de ovos e frangos e pargos doirados e miniaturas de chaminés do Algarbe e quinquilharias de latão, em vez da claridade de lágrima das cebolas nos tabuleiros de madeira, dos ardentes poderes ocultos das ciganas que exaltavam virgens outonais com promessas de amores de vice-reis, em vez das furgonetas de brisas azuis dos turistas e das caravelas e dos cargueiros turcos sob a ponte, enxotaram-me para um miserável edifício de cimento com painéis de vôos nacionais e internacionais a pulsarem ampolas coloridas ao lado do free-shop dos uísques (ANTUNES, 2011, p. 09).

Neste sentido, não são de admirar as lembranças, porque todo o tempo presente relembra a ausência do passado; todo o espaço que rodeia as personagens é visto em comparação com o de África. Vejamos, por exemplo, esta comparação feita por Camões, personagem que regressa a Portugal no porão de um navio:

Em África, ao contrário daqui, o meu nariz palpava os odores e alegrava-se, as pernas conheciam os lugares de caminhar, as mãos aprendiam com

facilidade os objectos, respirava-se um ar mais limpo do que panos de igreja, até a guerra civil dar cabo do velho, me encafiar com o reformado [Vasco da Gama] e o maneta dos moinhos num porão de navio, e os perfumes e os rumores das trevas se me tornarem estrangeiros porque ignoro esta cidade, porque ignoro estas travessas e as suas sombras ilusórias [...] (ANTUNES, 2011, p. 21).

Maria Alzira Seixo (2002) convida-nos a atentar para o recuo memorial que leva a personagem de nome Luís (de Camões) a sentir uma nostalgia por ter deixado o mundo africano. Nessa antítese entre mundos, observamos, primeiro, o conhecimento do mundo africano (identificação das coisas; facilidade de movimentos e ar limpo, marcas de um bem estar que a guerra civil, que se segue à revolução de Lisboa, vem interromper) e, por outro lado, em segundo lugar, o desconhecimento para com o país de regresso (uma Lisboa arcaica), visto como estrangeiro, e, por isso, ignorado, o que leva a personagem a sentir todo o peso de uma História, marcada por uma errância que causa inadaptação a todos os lugares e a todos os tempos. Finalmente, podemos reparar como nessa luta de tempos e espaços é o mundo africano que se impõe, porque é a partir dele que se observa Lisboa, e não o oposto. É na ausência (física) de África que se procura a sua presença (memorial). Logo, não nos surpreende que, na sua deambulação por Lisboa, encontre “dezenas de Fernandos Pessoas” (p.159), porque, afinal, somos todos Pessoa, de todo o mundo e de parte alguma.

É válido observar que apesar de denominados “retornados“, o que legitima a identidade portuguesa das personagens, eles sentem-se mais pertencentes à África do que à sua terra natal.

[...] a voz do senhor Francisco Xavier proclamou, à medida que as sandálias bolorentas se avizinhavam de novo. Arranjei-lhes um quarto com mais oito famílias de Angola, reparem na vossa sorte, caneco, tudo conterrâneo, tudo solidário, tudo compinxa, tudo no paleio [...] (ANTUNES, 2011, p. 25).

Uma banheira pontifícia ocupava a sacristia de azulejos do compartimento vizinho, ao lado da escultura de uma sanita de Henry Moore só para eles, nós que em África partilhávamos a nossa intimidade com a intimidade dos restantes hóspedes, contendo a flora do intestino à espera do autoclismo de quem se nos antecipara na urgência das necessidades (ANTUNES, 2011, p. 41-42).

Dois prédios na Morais Soares e eu sem jantar, pensou Pedro Álvares Cabral, raios partam a liberdade se a liberdade é isto, quero mais é os meus cabarés de Loanda e as minhas auroras sarnosas de cacimbo, quero os meus musseques de desgraça, quero os meus cheiros de esterqueira de África quando não tinha fome nem vergonha (ANTUNES, 2011, p. 50).

No regresso do espaço africano, a sensação é de espanto para com o espaço que se encontra: “como se arribasse a uma cidade estrangeira” (p.09); “cidade que conhecia sem conhecer” (p.13); “cidade que se ignora” (p.25). Na verdade, esse eu que regressa tem a necessidade de se identificar com o mundo (espaço) que conheceu antes de partir, para poder imaginar que regressará a si mesmo, que poderá voltar a ser quem foi. O drama é aperceber-se que está completamente só, que o regresso é impossível, que é impossível regressar à pátria, como é impossível voltar para a África. O sujeito fica sem tempo, espaço e possibilidade de ser alguém na História. Tal conclusão dolorosa ecoa por toda a obra: “Já não pertenço aqui”; “Já não pertencemos nem sequer a nós” (p.38).

Diante destes seres cindidos, despedaçados, a imagem da máquina de costura, presente em vários trechos do romance, parece bastante significativa: talvez ela permita “ir suturando o tempo” (p.51), talvez ela remende os seres lacunares que são essas personagens, e que afinal somos todos nós.

Veio-lhe à cabeça a frase da esposa, Já não pertenço aqui, e pensou que na idade de elefante deles, reformados, sem dinheiro, sem família, sem móveis, dependentes de uma pensãozinha que não lhes entregariam mais, perdida nos escaninhos burocráticos ou nas gavetas dos palácios dos pretos, em que mariposas e vespas se multiplicavam no interior dos armários e os fuzilados se afundavam nas dalias dos jardins, nada lhes sobejava para além de si próprios, da máquina de costura suturando o tempo, do cofre de embutidos que sei lá onde pára [...] (ANTUNES, 2011, p. 44).

O indivíduo, sem ter mais sua âncora identitária, sente-se perdido, deslocado e descentrado. Substitui sentimentos coerentes e estáveis pela angústia da dúvida e da incerteza, vendo esfacelar algo que supunha estável e fixo.

Entre as marcas deixadas pela guerra colonial nos sujeitos e na nação encontram-se a condição de hibridização e a questão da alteridade. Constata-se uma sequência de perdas identitárias não só na estrutura do indivíduo, que passa a viver uma nova realidade social e cultural, para a qual não estava preparado, como também na configuração da nação, marcada, agora, pela perda territorial, ou seja, pela perda da identidade nacional.

De acordo com Hall (2003), a identidade nacional ou identidade cultural não é algo que nasça com os indivíduos, mas, uma vez aprendidos e apreendidos os conceitos de um povo, através da experiência e da vivência – principalmente desde o nascimento – em qualquer nação, fica-nos imbuído o sentimento de que somos pertencentes àquela sociedade. Assim, nos vemos como parte integrante desta ou daquela nacionalidade,

como se fora impresso em nossos genes. Dessa forma, não ter ou perder a nacionalidade ou identidade cultural é como se perder um atributo que nos identifica enquanto pessoas.

Em *As Naus*, constata-se esse duplo deslocamento – a descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos:

O marido olhou pela janelas as lagunas de enguias de Bissau, o estuário deserto de pesqueiros, os telhados em que cantavam as guitarras sem cordas dos trovões, e viu reflectido no vidro um velho que demorou a reconhecer porque apenas se confrontava no espelho para a barba sumária dos sábados e prestava mais atenção aos lenhos do queixo do que à calva, às rugas e outras marcas de devastações do tempo, esticando a pele de iguana do pescoço com os beliscos dos dedos. A crueldade dos anos magoou-o como um castigo injusto e ao voltar-se para encarar a mulher, sugando das gengivas uma remota saudade de chá, indignou-se de novo ao verificar, espantado, a erosão sem cura que o tempo provocara nela também, avariando-lhe as pernas de um mármore de varizes, aumentando-lhe as pálpebras, dissolvendo a cintura, e admitiu com desgosto que Já não pertencemos nem sequer a nós, este país comeu-nos as gorduras e a carne sem piedade nem proveito uma vez que se achavam tão pobres como haviam chegado (ANTUNES, 2011, p. 38).

Observa-se, assim, que a viagem que se processa em *As Naus* não é, como qualquer viagem, apenas um percurso de deslocamento. Ela implica, neste caso, aquilo que designamos como “deslocalização”, na medida em que as personagens que haviam adquirido um lugar (adequado ou não), no qual haviam se instalado, o “seu local próprio”, são dali retiradas ou compelidas a retirar-se. Parece válido ainda considerar que, sendo o retorno a fase da viagem que constitui a temática do romance, não é o ganho adquirido com a deslocação que está em causa, mas um sentido de perda desoladora.

Como anteriormente mencionado, a questão do híbrido também está presente no romance. Os retornados são personagens que cruzaram o espaço entre a metrópole e a colônia. Ao partirem para as colônias depararam-se com a surpreendente visão do outro e, ao partirem das colônias, trouxeram um pouco desse outro dentro de si próprios. Os retornados da descolonização são muitos, trazem muitos consigo, o que acarreta uma reconfiguração do espaço da metrópole para onde voltam. Todos os retornados ou desterritorializados que buscam reterritorialização formam uma grande comunidade e criam um lugar outro, um entre-lugar que recebe, no romance, o nome de Lixboa, um espaço simbólico que traduz os traços de heterogeneidade e negociação da identidade cultural portuguesa.

Esta questão do entre-lugar pode até mesmo ser observada na grafia empregada. No romance, palavras como Lixboa, por exemplo, escritas com a grafia da época renascentista, estão ao lado de outras escritas com a grafia recente, havendo uma espécie de *entre-grafia*, que reflete um povo que não tem mais apenas um chão físico, mas também um povo não mais detentor de um discurso.

No que se refere à descrição do espaço, observa-se que, ao retornar da guerra em África, os ex-combatentes descrevem Lisboa como um ambiente sujo, sórdido e feio. Em nada este ambiente é melhor que o da guerra. O lugar tão sonhado por eles para o retorno mudou, eles mudaram, o olhar deles mudou. A sujeira e a decrepitude revelam o estado de espírito em que eles próprios se encontram. Daí tornar-se impossível a adaptação. São seres estranhos em sua própria pátria, assim como o eram em África.

[...] Lixboa se crispa a horas mortas numa mudez sonâmbula decepada de quando em quando por chocalhos de ambulância ou o discurso de um bêbedo espojado num canteiro, em busca de posição para a azia do sarro. Ruas com chafarizes de mulas de almoceve iluminados pela intensidade de ringue de boxe dos focos municipais, ruas de amoreiras tossindo folhas, oblíquas casas luciferinas, o odor de fígado de atum do velho e nenhum cemitério das redondezas, que maçada [...] (ANTUNES, 2011, p. 67).

Com o desenrolar da narrativa, este ambiente vai ficando cada vez mais decrepito, mais hostil, na mesma medida em que as mazelas espirituais e morais vão se revelando através de novas e piores baixarias. Não somente os que voltam estão destruídos; todos na cidade envelheceram e sofreram, mesmo não indo à guerra. As pessoas descritas são sujas e decrepitas, sendo comparadas a animais.

Considerando o romance a partir da perspectiva do espaço, parece interessante observar também o fato de que há na literatura lusíada uma evidente relação entre Portugal e a imagem da casa como representação textual da sociedade portuguesa. Casa-barco, como sintetizou Álvares de Campos no poema *Casa branca nau preta*, às vezes mais barco que casa, outras mais casa que barco. Por vezes encalhado ou à deriva pelos impasses e contradições históricas, mas sempre luminosamente inquieto na literatura, casa-barco móvel, se fazendo. Jorge Fernandes da Silveira (1999) propõe, no contexto contemporâneo, uma nova interpretação da casa no imaginário português. O ensaísta afirma que, se de acordo com a ideologia expansionista, o "destino" da casa portuguesa era de estar sempre em eterna partida de si mesma, após o impasse vivido pela Revolução de 25 de Abril de 1974, esta situação foi alterada. A nação portuguesa vê-se agora forçada a viver em casa, ou seja, no seu próprio continente, à beira mar, plantado.

Convém destacar que essas casas representam o dilema histórico português: uma sociedade dividida entre a expansão marítimo-colonial e a fixação no solo europeu. Após o período destinado ao combate em África, os portugueses foram obrigados a retornar à casa natal, agora metamorfoseada.

O re-ingresso dos combatentes mostrou-se traumático e decepcionante, uma vez que, ao reencontrarem as casas familiares e a casa portuguesa, os sentidos de intimidade e de partilha (os atos de dividir/ pôr em comum) deixaram de existir. A casa da família – microcosmo onde se encena a construção da nação – rejeitou os recém-chegados de África. Tornou-se necessário conviver com novos espaços físico, social e simbólico. E, por isso, coube aos sujeitos descentrados re-encenar o conhecimento de si próprios, dos outros e do mundo que os cercava.

As personagens são excluídas do núcleo familiar e outras são introduzidas sem consistência neste núcleo. O não pertencimento ao núcleo familiar e ao espaço de Portugal, aliás, é o reflexo do descentramento que é comum a todos eles.

O irmão recebeu-o sem sorrisos, de guardanapo ao pescoço, a grunhir na casa do passado onde se acumulavam, numa desordem de bastidores, adereços de récitas antigas, um cachaço empalhado de toiro comido pelas traças, pratos sujos, porcelanas, cabides, o sobrado forrado de jornais (Desculpa lá, andamos a pintar isto tudo), o escritório como sempre o vira, excepto a novidade do aparelho de televisão sobre uma mesa, na sala de jantar o careca e a mulher discutindo aos guinchos por cima dos rissóis, vigiados por uma oleografia de lebres, rabanetes e perdizes (ANTUNES, 2011, p. 57).

No romance, as relações pessoais e a problemática da cidade de Lisboa e da pátria se interpenetram, sendo impossível dissociá-las. A Lisboa escatológica e antropológica espelha a degenerescência e o estilhaçamento dos sujeitos fadados ao fracasso, em meio do caos social. Os sujeitos anulam-se na casa portuguesa, que transita da casa sedimentada à casa derrubada e fragilizada dos períodos revolucionário e pós-revolucionário. A casa presente no imaginário dos viajantes sofrerá um processo de dissolução e aniquilamento. Retornar à casa significa tomar posse de uma memória já quase perdida.

A casa, em seu sentido mais íntimo, é o espaço que guarda a identidade, os traços pessoais, as características de cada indivíduo. No entanto, estas casas apresentam-se arruinadas, duplicadas, despidas de traços individuais.

As casas, duplicadas de pernas para o ar, subiam e desciam na direção de Lisboa, enfeitadas de craveiros nos caixotes das varandas (ANTUNES, 2011, p. 20).

Era uma casa arruinada no meio de casas arruinadas diante das quais um grupo de vagabundos, instalado em lonas num baldio, conversava aos gritos à roda de um chibo enfermo (ANTUNES, 2011, p. 23).

As casas das personagens estão desguarnecidas como a própria alma delas está, uma vez que não sabem se seguem em frente ou se ficam voltadas para trás, alimentando as reminiscências da guerra em suas memórias. Referimo-nos às casas pessoais, do “eu” de cada um, e à casa maior – a pátria portuguesa – a qual não sustenta mais a honra gloriosa, a qual só pode recobrar nas memórias o seu passado glorioso assinalado pela hiperidentidade.

A questão que permanece parece ser: que discurso de nação ainda é possível em um momento em que há multiplicação de memórias particulares em substituição a uma memória coletiva?

A imagem de Portugal que encontramos em *As Naus* é uma imagem profundamente desiludida e dolorida. Tudo parece ter acontecido em vão. O que resta de tantas viagens, descobertas, partidas, naufrágios, poetas e epopeias é um grupo de tuberculosos que, sentados em uma praia qualquer, olham o mar e esperam que dele venha a salvação nacional. Portugal surge aqui sem presente nem futuro e parece ter perdido os vestígios de um passado que muitos querem, à viva força, glorioso. Com esta imagem, Lobo Antunes parece propor a dessacralização dos mitos históricos que sustentavam a identidade do português. *As Naus* – antiepopéia intertextualizando parodicamente *Os Lusíadas* – ao falar dos retornados de África, retoma e desglorifica os heróis de Camões. Exemplo disso é que o próprio processo da escolha dos nomes aludidos no romance parece servir a uma estratégia de esvaziamento da conotação mítica que os nomes possam ter; de certo modo, uma libertação da condição imobilizante de mito para uma dimensão humana.

Os que regressavam consigo, clérigos, astrólogos genoveses, comerciantes judeus, aias, contrabandistas de escravos, brancos pobres do Bairro Prenda, do Bairro da Cuca, abraçados a volumes de serapilheira, as malas atadas com cordéis, a cestos de verga, a brinquedos quebrados, formavam uma serpente de lamentos e miséria aeroporto adiante, empurrando a bagagem com os pés [...] na direção de uma secretária a que se sentava, em um escabelo, um escrivão da puridade que lhe perguntou o nome (Pedro Álvares quê?), o conferiu numa lista dactilografada cheia de emendas e de cruces a lápis, tirou os óculos de ver ao perto para o examinar melhor, inclinado de banda no poleiro de fórmica, passeou o polegar errático no bigode e inquiriu de repente Tendes família em Portugal?, e eu disse Senhor, não muito depressa, sem

pensar, porque a minha velha se finou de icterícia há seis anos e dos tios que permaneceram aqui quase não me recordo ou não me recordo nunca [...] (ANTUNES, 2011, p. 10).

Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda, que permaneceu no Cais de Alcântara três ou quatro semanas pelo menos, sentado em cima do caixão do pai [...] (ANTUNES, 2011, p. 16).

Viver a guerra é morrer lentamente, porque a geração que dela participa torna-se uma sombra do que era antes da partida em razão do convívio com a morte que se torna comum. Quem parte sofre então uma metamorfose, torna-se um fantasma do que foi.

Ao retornar a Portugal, o ex-combatente torna-se um descentrado em sua própria pátria, contaminado pelos anos de convivência africana, já não reconhece a cidade de onde partiu e tenta reconstruir uma identidade impossível que foi estilhada pelo combate. A integridade de sua existência individual (se isso é possível) está perdida num lugar entre a permanência e a mutação, entre Portugal e África.

(In) Conclusão

Conforme pudemos constatar neste breve estudo, o espaço presente no romance *As Naus* é um espaço degradado, sórdido, fragmentado, com o qual os indivíduos não se identificam. Esse espaço, no entanto, é assim descrito em virtude do olhar do ser que o descreve. Fruto da experiência traumática da guerra e da sua inserção no contexto contemporâneo, o indivíduo que contempla o espaço é, na verdade, um conjunto de cacos, de estilhaços, um “puzzle” a ser montado, um ser sem expectativas que já não se identifica com nenhum dos lugares em que se encontra porque desconhece quem ele é, desconhece sua própria essência. Um ser sem marcas de identificação e que, portanto, independente de onde esteja, será sempre um estrangeiro.

Porém, mais do que apresentar este ser despido de marcas identitárias, em *As Naus*, evidencia-se a problemática pós-moderna da convivência com as diferenças e com o mal-estar do questionamento das identidades. O sujeito pós-moderno sente-se fragmentado e não sabe lidar com essa fragmentação, com a infinidade de possibilidades que lhes são apresentadas a cada dia e com a sensibilidade de aceitar a contingência. Daí o mal estar da ambivalência, porque sempre tem de optar e nem sempre consegue.

A ficção antuniana escreve, desta forma, Portugal entre a desconstrução do excesso de identidades e as alternativas de construção de novos caminhos. Lobo

Antunes apresenta-nos esse modo de estar entre ou estar na fronteira, presente em vários elementos do romance, não como um dilaceramento ou limiar, mas como possibilidade de diálogo, de trânsito entre fronteiras.

Considerando que a tentativa de aprender uma homogeneidade na maneira de ser portuguesa não permitirá mais do que uma constatação de uma falha insuperável, como insuperáveis são os traumas da guerra, a leitura de Lobo Antunes convida-nos a deixar de lado nossas certezas absolutas e amordaçantes, a abandonar as verdades únicas e excludentes e a conviver com a oscilação, com a fusão, com o híbrido, marcas estas do mundo em que estamos inseridos. Lobo Antunes convida-nos a vivenciar, a colocar em prática o mundo literário – um mundo marcado não por verdade únicas, mas por um constante processo de busca na tentativa de preencher os seres lacunares que somos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. *As Naus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

BRAVO! São Paulo: Janeiro, nº 28, 2000, p.84.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

_____. *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Gradiva, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade.” In: *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos de identidade*. (Org.) Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SEIXO, Maria Alzira. *Os Romances de Lobo Antunes*. D.Quixote, 2002.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. (Org.) *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1999.

Data de submissão: 09/08/2014

Data de aprovação: 15/09/2014